

## Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 14– junho, 2015

### PARA NÃO DIZER QUE EU NÃO FALEI DE AMOR

Ierecê Barbosa<sup>1</sup>

Ainda hoje ouvimos que pensar primeiro nos outros é prova de altruísmo, o que seria uma oposição ao egoísmo. A ideia de gostarmos de nós mesmo ainda não é bem aceita por muitos e as religiões reforçavam bastante o amor ao próximo. Algumas enfocam apenas o lado moral do ensinamento cristão, reforçando a generosidade, outras enfatizam o “como a ti mesmo” e sua importância para um amor proativo.

Sabemos que o amor próprio é pré-requisito para amar os outros. Quando a pessoa se ama, ela está em paz com sua autoestima, não precisa usar de fingimentos, tentando passar por uma pessoa que não é. Ela se mostra por inteiro e estabelece relacionamentos mais sinceros. O amor próprio transborda e respinga em todos a sua volta, pois o amor não é avarento, muito pelo contrário, ele é aberto, solto, flutua e tende a envolver os que estão aptos para recebê-lo.

O egoísmo é diferente de amor próprio. O egoísmo se caracteriza por uma intencionalidade arbitrária de querer tudo para si, buscando ter mais direitos que os outros, sem nada oferecer. O amor próprio é benfazejo, envolve o cuidado, a preservação instintual e social, sendo fundamental para os relacionamentos saudáveis. Somente os que se amam conseguem ser autênticos e desprendidos. Os egoístas, geralmente, usam máscaras sociais e tentam parecer o que não são. A imaturidade emocional é visível neles, pois costumam agir de modo inadequado: chamam atenção em demasia, sequestram a subjetividade dos que estão a sua volta. Manipulam e negociam em nome do amor.

O amor próprio deve ser desenvolvido desde a mais tenra infância. A criança precisa ter sua autoestima em nível adequado para poder se amar e assim saber amar o próximo. Isso não deve ser confundido com egoísmo ou narcisismo que por sinal andam de mãos dadas, frutos da fragilidade interior e da compulsiva necessidade de aprovação do outro. A preocupação exagerada com a imagem que os outros fazem deles é uma característica básica do tipo narcísico, eles são cativos da opinião alheia. Coisa que aqueles que se amam não necessitam, são livres para serem o que são.

As pessoas que se amam são invejadas. A inveja é um dos mais nocivos sentimentos humanos, fruto da insegurança, da falta de amor por si mesmo e da cobiça do amor que o outro sente por si próprio. O invejoso almeja sempre aquilo que o outro tem e que ele julga não possuir. A pessoa invejosa sofre muito, amarga grande sensação de desconforto ao assistir o sucesso alheio, seja no plano material, intelectual ou posição de prestígio social. A baixa tolerância à frustração também dá uma mãozinha e leva o invejoso a adoecer, a ficar amarelo ou roxo de inveja, como dizem por aí.

A questão do desamor por si tem suas raízes na infância, pais muito controladores e pouco afetuosos contribuem para a angústia existencial e para a impossibilidade do indivíduo ser ele mesmo. Não podendo ser espontânea com as pessoas, a criança busca alternativas para lidar

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: [ierecebarbosa@yahoo.com.br](mailto:ierecebarbosa@yahoo.com.br)

## Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

### Crônica 14– junho, 2015

com tal situação. Tudo vai depender de como ela organiza as informações recebidas pelos adultos em sua estrutura cognitiva, podendo: enfrentar, se chegar ou fugir dos outros de forma combinada. Quando o desamor é grande, a criança não consegue uma adequação sadia nas relações, isso vai interferir nos seus relacionamentos vida afora.

Na questão das trocas relacionadas ao amor, o ser enamorado gosta de dar e receber. Às vezes, quando um dos parceiros não atenta para as trocas reais e simbólicas, a sensação de desamor pode se instalar. O ser humano quando norteado de um sentimento de justiça gosta de receber na mesma proporção que dar. O presentear, na nossa cultura, faz parte da linguagem simbólica do amor. Alguns alegam que os desatentos precisam aprender a amar. Mas amar não requer aprendizado escolar, amar se aprende amando. Quando o amor chega e se instala, pega a pessoa geralmente desprevenida, pois não há vacina contra o amor. Essa coisa de dizer que fui me acostumando e me apaixonei, não existe. É puro condicionamento. Mas estou falando de amor e não de noites descontínuas de sexos, que muitos denominam “fazer amor”.

O amor envolve uma vontade louca de cuidar, de expandir o que é bom, de se fazer melhor para nós e para o outro. O amor desestrutura para estruturar de um modo mais gostoso, integral, em que os dois viram um e continuam dois. Há fusão sem a quebra da individualidade. Estamos acostumados ao amor complementar, baseado na teoria das metades, em que um ser procura no outro o que falta nele. Ou seja, se eu sou introvertida busco alguém extrovertido. Se eu gosto de apanhar, interajo com quem gosta de bater, e por aí vai, ou seja: patologia de amor.

O amor sadio é suplementar, se ancora na teoria dos inteiros. Isto é, eu sou inteira e me relaciono com outro que é inteiro também. Não estou na relação para completar nada que falta em mim e nem para ser preenchida. Estou nela porque simplesmente amo. Há, na relação, uma simplicidade que alcança uma complexidade maravilhosa em termos de sentimento. Um amor assim é loteria.

O pior é que alguns têm a sorte do bilhete premiado e descuidam. Aí um vento forte vem e leva o bilhete mundo afora. Sobram lamúrias e arrependimentos, mas temos que reconhecer que somos os únicos responsáveis pelas nossas escolhas e possíveis consequências. Alguns correm atrás do bilhete perdido e com ajuda espiritual conseguem encontrá-lo, reestruturando o amor. Outros, não têm tanta sorte, alguém já o encontrou antes dele. Sem garantias, fica impossível provar o pertencimento, uma vez que o amor não se deixa aprisionar, ele está onde deseja estar e prefere aqueles que cuidam dele amorosamente, como deve ser cuidado.